

## SOBRE *PLATYNOTUS* WAGLER, 1830, PRÉ-OCUPADO, SUBSTITUIDO POR *TAPINURUS* AMARAL, 1933, COM A DESCRIÇÃO DE UMA NOVA ESPÉCIE (SAURIA, IGUANIDAE).

MIGUEL TREFAUT RODRIGUES

### ABSTRACT

The generic name *Platynotus* Wagler, type species *Agama semitaeniata* Spix, 1825, is preoccupied by a generic name in the Coleoptera. The next available name is *Tapinurus* Amaral, 1933, type species *Tapinurus scutipunctatus* Amaral, 1933, a synonym of *Agama semitaeniata* Spix, 1825. A new species, *Tapinurus pinima*, is described from Santo Inácio, Bahia, Brasil. It is characterized by the presence of yellow spots on both fore and hind limbs (absent in *semitaeniatus*) and of a middorsal and two dorsolateral light stripes (middorsal only in *semitaeniatus*).

### INTRODUÇÃO

Spix em 1825 (p.13, pl.16:1) apresentou a descrição original e uma figura de *Agama semitaeniata*, dando como localidade tipo "Sincura, provinciae Bahiae". Cinco anos mais tarde Wagler (1830:146) criou o gênero *Platynotus* para alojar unicamente esta espécie. Na sinopse de Gray (1831: 41) ela aparece pela primeira vez incluída em *Tropidurus*. Wiegmann (1934: 18), aceitou a posição de Wagler, conservando-a no gênero *Platynotus*, mas notou que este nome deveria ser substituído, pois já se encontrava ocupado por um gênero de Coleoptera. Fitzinger (1843:72-73) incluiu *A. semitaeniata* em seu novo gênero *Steirolepis*, que continha ainda dois *nomina nuda* (*S. carinicauda* e *S. bufonia*) e duas espécies de *Tropidurus*, *S. peruviana* e seu sinônimo *S. microlophus*, e *S. heterolepis*. A espécie tipo de *Steirolepis* (Fitzinger, 1843:17) é *Tropidurus peruvianus* Wiegmann, de maneira que *Steirolepis* não é disponível para *semitaeniata*. Peters (1877:409) viu os tipos de Spix e aceitou como boa a espécie, mas não encontrou caracteres suficientes para separar o gênero de *Tropidurus*. Neste mesmo gênero a espécie está incluída no catálogo de Boulenger (1885:178). Em 1933 Amaral (p. 66, fig.) descreveu de Villa Nova, Bahia (hoje Senhor do Bonfim), *Tapinurus scutipunctatus*, novo gênero e espécie, sem comentar *Platynotus* ou a espécie de Spix. Em 1934 Amaral (p. 190) transcreveu uma advertência feita a ele, em carta, por Mertens, sobre a possibilidade de *Tapinurus scutipunctatus* ser sinônimo de *Tropidurus semitaeniatus*. No entanto, preferiu manter sua espé-

cie até comparação do tipo com o de Spix, e o gênero como válido para esta forma com dorsais lisas. A literatura nada registra de novo até que Schmidt & Inger (1951:451) citaram a espécie, sem discussão, como *Platynotus semitaeniatus*. Aparentemente apenas Johnson (1952:283) aceitou essa atribuição, até que Williams & Hall (in Paull, Williams & Hall, 1976), alertados por Richard Etheridge, voltaram a *Platynotus*.

Os tipos de *Tapinurus scutipunctatus* estão depositados na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e não há dúvida de que pertencem à espécie de Spix. Vanzolini, Ramos-Costa & Vitt (1980) dão uma boa descrição e figuras da espécie. Salientam também a presença de órgãos sensoriais na face dorsal da mão e do pé; embora o caráter também esteja presente em *Tropidurus*, ele ainda não tinha sido apontado na literatura para esta forma. A localidade tipo deve ser interpretada como a cidade de Sincorá Velho (13°30'S, 41°42'W) conforme esclarecido por Vanzolini (1981).

Como acertadamente apontou Wiegmann, *Platynotus* já se encontra ocupado por um gênero de Coleoptera descrito em 1801 por Fabricius (Neave, 1940) e deve portanto ser substituído por *Tapinurus* Amaral, 1933, o único nome disponível. O gênero é próximo de *Tropidurus* mas difere deste pelo extremo achatamento dorsoventral do corpo e pela presença de uma série de escudos sublabiais muito aumentados.

Recentemente participei de uma excursão de coleta à porção norte da Serra do Espinhaço, no Estado da Bahia. Em Santo Inácio (11°06'S, 42°44'W) próximo à base do flanco ocidental da serra, a 480 metros de altitude, coletei vários espécimes de *Tapinurus* com um padrão de colorido tão peculiar que pareceu tratar-se de uma nova espécie. Ela é descrita abaixo sob o nome de *Tapinurus pinima*, sendo o nome específico tirado da língua tupi, em que significa pintado, manchado.

#### ***Tapinurus pinima*, sp. n.**

Holótipo: MZUSP 56165, macho, Brasil: Bahia: Santo Inácio, 1.xii.80, M.T. Rodrigues col., número de campo 80.1760.

Parátipos: MZUSP 56164, 56166-56212, 1-2.xii.80. Todos da mesma localidade que o holótipo.

#### **DIAGNOSE**

Dorso castanho escuro com três faixas longitudinais claras, uma médio-dorsal e uma dorsolateral de cada lado. Entre elas duas séries de malhas amarelas arredondadas e alinhadas longitudinalmente. Face dorsal dos membros com manchas amarelas arredondadas e com escamas lisas ou muito ligeiramente carenadas, sem mucro. Serrilha do tarso com quilhas altas e mucro pouco pronunciado.

#### **DESCRIÇÃO**

Rostral, ampla, muito mais larga do que alta. Escamas do topo da cabeça achatadas, lisas, imbricadas, assimétricas, desiguais em tamanho. Supraoculares lisas, dispostas irregularmente em fileiras longitudinais, as médias maiores e cerca de três vezes mais largas do que longas. Occipital irregularmente indentada pelas escamas que a marginam, estas iguais às do topo da cabeça. Narina arredondada, situada na porção posterior de uma nasal fortemente entumescida, separada ou não da rostral.

Duas cantais, a posterior angulosa. Superciliares longas, oblíquas, fortemente imbricadas. Duas fileiras de loreais irregulares. Subocular longa, com quilha na margem superior; à altura do meio do olho em contato com as supralabiais. Precede a subocular uma escama menor e igualmente carenada. Temporais lisas ou levemente quilhadas, maiores que as dorsais medianas. Supralabiais alongadas, 7 ou 8 até a altura da margem posterior da subocular, mais estreitas que as infralabiais. Margem anterior do ouvido com uma serrilha mal definida de escamas aciculares, as centrais um pouco maiores.

Sinfisal irregular, geralmente mais longa do que larga, seguida por 2 a 3 pares de postsinfisais divergentes. Entre estes e as infralabiais tem início uma fileira irregular de escudos sublabiais muito aumentados, que acompanham as labiais até o nível da margem posterior do olho; são várias vezes maiores que as gulares medianas. Estas são lisas e imbricadas, as da região mediana apenas um pouco menores que as ventrais, de forma irregular; as posteriores menores, justapostas, quase granulares. Lados do pescoço complexamente pregueados, revestidos por grânulos; sem bolsa de acarianos.

Dorsais lisas, justapostas, menores que as ventrais, as do médio dorso maiores, diminuindo progressivamente em tamanho na direção do flanco, onde são granulares, quase convexas, com um órgão sensorial na ponta.

Ventrais achatadas, lisas, de forma e tamanho bastante irregulares, as maiores na área da cicatriz umbilical. Uma prega antehumeral bem marcada, sem contudo alcançar sua simétrica. Uma prega prefemoral; duas ou três posthumerais não muito bem definidas.

Face ventral do braço e antebraço com escamas lisas, iguais às ventrais. Na porção dorsal do braço, lisas em sua maioria; levemente quilhadas apenas no seu quadrante ântero-superior, sempre sem mucro. Na do antebraço há um maior número de escamas carenadas; contudo, as carenas são sempre baixas e não há mucro. Carpais lisas com numerosos órgãos sensoriais. Coxa e face ventral da tibia com quilhas baixas, sem mucro. Serrilha do tarso presente, com quilhas relativamente altas mas não perfeitamente alinhadas. Lamelas infradigitais carenadas.

Cauda achatada dorso-ventralmente. Porção lateral com escamas quilhadas e mucro muito acentuado; de cada lado do espinho um órgão sensorial indenta a margem da escama, que pode ou não apresentar inferiormente um espinho menor. Porção superior e ventral da cauda com escamas lisas e imbricadas, muito menores que as laterais.

Colorido dorsal de fundo castanho-escuro. Uma faixa branca (amarela no animal vivo) mediodorsal corre da ponta do focinho à base da cauda. De cada lado, uma faixa dorsolateral da mesma cor vai da margem superior do ouvido à raiz da coxa. Entre a faixa mediodorsal e as dorsolaterais há uma fileira de manchas arredondadas amarelo-claro, arranjadas longitudinalmente. Flancos com uma série de malhas amarelas verticais, de tamanho e forma irregular, com o centro castanho-claro.

Face dorsal dos membros castanho escuro com manchas amarelas arredondadas. Face dorsal da cauda castanho clara, a ventral branco leitoso, sem manchas.

Uma faixa amarela corre das loreais à raiz do braço, passando pelo centro do ouvido; supra e infralabiais castanho-escuras. Garganta branco leitoso com dois pares de linhas longitudinais divergentes castanho escuro, às vezes unidas anteriormente, e uma linha central sinuosa.

Ventre branco leitoso com manchas castanho escuro dispostas em retículo; às vezes muito pronunciadas em todo o ventre, mas podendo faltar. Face ventral das coxas e aba anal do macho adulto, negras.

## DISCUSSÃO

*Tapinurus semitaeniatus* e *Tapinurus pinima* são morfológicamente muito similares. As diferenças folidóticas mais marcantes entre as duas espécies dizem principalmente respeito às carenas das escamas da face dorsal dos membros. Em *semitaeniatus* as quilhas são altas e bem marcadas, especialmente na tíbia, onde geralmente terminam em mucro; em *pinima* as escamas são um pouco menores, muito levemente quilhadas ou lisas e quase nunca mucronadas. *T. semitaeniatus* possui uma serrilha pronunciada no tarso, formada por escamas muito aumentadas, solidamente quilhadas e alinhadas, indo do nível da articulação tíbio-társica à extremidade livre do 4.º artelho. A de *pinima* não é perfeitamente alinhada e suas escamas possuem quilhas muito mais baixas do que as do congêneres.

Não encontrei diferenças em caracteres merísticos entre as duas espécies: efetuei várias contagens de escamas (dorsais, ventrais, gulares, lamelas do 4.º dedo e 4.º artelho), mas nenhuma se mostrou diagnóstica. Contudo, é tão contrastante o padrão de colorido, que ele permite o reconhecimento imediato das duas formas. Apesar de *T. semitaeniatus* mostrar alguma variação de coloração na sua ampla área de ocorrência, ela parece ser trivial e não geográfica. O que é sempre característico desta forma é a presença de uma faixa médio-dorsal clara (às vezes marginada de vermelho) sobre um fundo castanho-escuro; é também este colorido, geralmente uniforme, que predomina na face dorsal dos membros. Vanzolini, Ramos-Costa & Vitt (1980:94) deram uma boa descrição do colorido desta espécie. *T. pinima* também apresenta uma faixa médio-dorsal clara, mas no restante o padrão de colorido é muito diferente deste. De cada lado do dorso há uma faixa dorso-lateral amarela (ausente em *semitaeniatus*); entre ela e a médio-dorsal há uma fileira longitudinal de manchas amarelas arredondadas. A face dorsal dos membros, ao invés do colorido castanho escuro uniforme encontrado em *semitaeniatus*, apresenta-se estampada com manchas amarelas arredondadas.

Em cerca de 300 espécimes de *T. semitaeniatus* examinados, procedentes de 43 localidades, as diferenças apontadas, quer com respeito ao padrão de colorido, quer as morfológicas, parecem firmes e permitem diferenciá-lo perfeitamente de *pinima*.

O mapa 1 mostra a distribuição geográfica aproximada das duas espécies. Vê-se que a de *Tapinurus semitaeniatus* se sobrepõe razoavelmente bem à do domínio morfoclimático das caatingas. Contudo ele também ocorre nas formações abertas menos xéricas, como o agreste, que fazem a transição entre estas e a floresta atlântica. É um lagarto fundamentalmente associado às superfícies de rocha exposta, aparentemente ignorando se a vegetação é ou não a das caatingas (Vanzolini, Ramos-Costa & Vitt, 1980; Vitt & Price, 1982). De fato, seu habitat preferido são as caatingas, mas pode ser encontrado no agreste, em áreas onde a fisionomia local é de cerrado (Vanzolini, 1976:114) ou ainda, como em Morro do Chapéu, Bahia, em formações abertas peculiares, acima dos 1000 metros de altitude, conhecidas por "campos rupestres".

*Tapinurus pinima* em Santo Inácio também só foi encontrado sobre rochas. Embora não tivesse podido coletar espécimes, também constatei sua presença neste habitat, a 1000 metros de altitude, em Gentio do Ouro, cerca de 30 quilômetros ao sul da localidade tipo. O padrão de colorido torna segura a identificação da espécie no campo.

## COMENTÁRIOS

Em um trabalho anterior (Rodrigues, 1983) apresentei em linhas gerais uma descrição da fisionomia da paisagem da localidade tipo de *T. pinima*; não há necessidade de repeti-la aqui em detalhe. Basta dizer que em Santo Inácio dominam extensos afloramentos de quartzitos e conglomerados, com pouca vegetação, e que esta espécie foi sempre observada sobre tais rochas, lado a lado com duas espécies de *Tropidurus* do grupo *torquatus*.

Recentemente, Vanzolini, Ramos-Costa & Vitt (1980), Vitt (1980), Vitt (1981) e Vitt & Price (1982) mostraram algumas das especializações morfológicas de *T. semitaeniatus* possivelmente relacionadas à exploração das lascas de rochas cristalinas como defesa contra a predação. Entre elas as mais notáveis são o extremo achatamento dorso-ventral do corpo e da cauda e a serrilha presente no tarso.

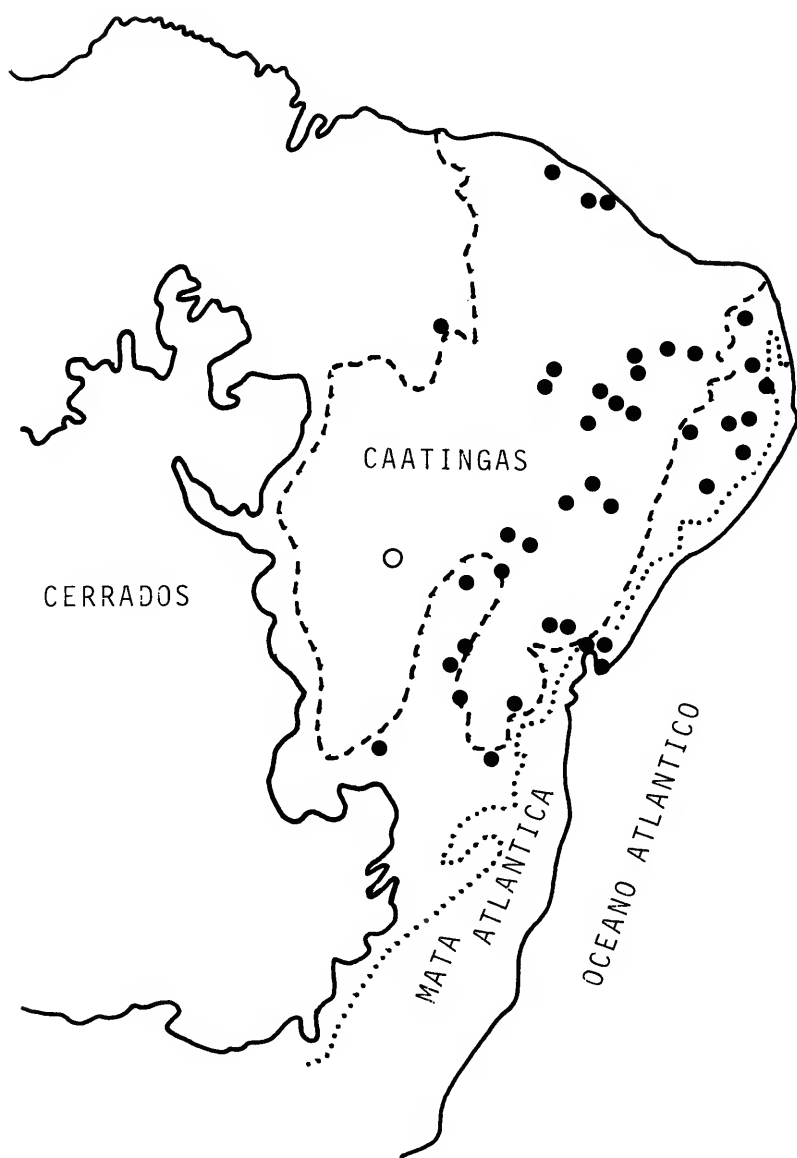
Parece de fato que, não apenas a serrilha, mas também as quilhas altas das escamas da tíbia devem dificultar a retirada do animal das fendas estreitas por predadores. A analogia com uma das espécies de *Tropidurus* do grupo *torquatus*, ecologicamente muito similar a *Tapinurus semitaeniatus*, parece clara. Como este, ela também é encontrada em campos de matacões cristalinos e sempre procura refúgio nas frestas das rochas. O grupo *torquatus* é complexo e está agora sob revisão; a população de Sorocaba, S. Paulo (23°29'S, 47°27'W) serve como exemplo típico desta situação. Das várias formas do grupo é esta a que mostra quilhas mais altas nas escamas da face dorsal dos membros, em especial na tíbia.

Uma diferença importante entre os afloramentos de Santo Inácio e as rochas cristalinas preferidas por *Tapinurus semitaeniatus* é a ausência de lascas nos quartzitos e conglomerados. Os produtos da erosão em Santo Inácio são areia e seixos, ou blocos de pedra de tamanho variável; não são encontradas as esfoliações concêntricas produzidas principalmente por contrastes de temperatura nas rochas cristalinas.

Quando perseguido, *Tapinurus pinima* oculta-se sempre sob grandes blocos de pedra. Não é impossível que esta diferença de habitat entre as duas espécies esteja relacionada com a presença de quilhas pouco pronunciadas, quando não ausentes, nas escamas da superfície dorsal dos membros de *pinima*.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi iniciado quando era bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 80/0109 e concluído durante a vigência de uma bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 302212(ZO). Laurie J. Vitt fez a fineza de transferir para o laboratório de herpetologia do Museu de Zoologia da USP a advertência que lhe dera Lewis L. Deitz sobre a situação de *Platynotus*; a ambos os meus sinceros agradecimentos. A expedição ao Estado da Bahia que tive o privilégio de acompanhar faz parte de um projeto apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq; o projeto visa o levantamento da flora dos campos rupestres da Serra do Espinhaço e é coordenado por Nanuza Luiza de Menezes e Ana Maria Giulietti. Nanuza L. Menezes, A. Furlan, I. Cordeiro e J.R. Pirani, do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo, muito auxiliaram no trabalho de campo. P.E. Vanzolini e Regina Rebouças-Spieker reviram criticamente o manuscrito.



Distribuição de *Tapinurus scutipunctatus* (círculos cheios) e *T. pinima* (círculo claro). Domínios morfoclimáticos segundo Ab'Saber (1977).

## REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, A., 1977. Os domínios morfo-climáticos na América do Sul. Primeira aproximação. Geomorfologia (Inst. Geogr. Univ. S. Paulo) 52:22 p.
- Amaral, A., 1933. Estudos sobre lacertílios neotropicos. I. Novos gêneros e espécies de lagartos do Brasil. Mem. Inst. Butantan 7(1932):51-74, 6 pls.
- Amaral, A., 1934. Collecta herpetologica no Nordeste do Brasil. Mem. Inst. Butantan 8:185-192.
- Boulenger, G.A., 1885. Catalogue of the lizards in the British Museum (Natural History). Second edition. Volume 2. London: Trustees of the British Museum. xiii + 497 p., 24 pls.
- Fitzinger, L., 1843. Systema Reptilium. Fasciculus primus, Amblyglossae. Vienna: Braumüller et Seidel. 106 p.
- Gray, J.E., 1831. A synopsis of the species of the class Reptilia. 110 p. Appendix to E. Griffith, The Animal Kingdom . . . by Baron Cuvier, with additional description of all species hitherto named, and of many not before noticed. London: Whittaker, Treacher. 110 p.
- Johnson, M.L., 1952. Herpetological notes from Northeastern Brazil. Copeia 1952 (4):283-284.
- Neave, S.A., 1940. Nomenclator Zoologicus. A list of the names of genera and subgenera in Zoology from the tenth edition of Linnaeus 1758 to the end of 1935. London: Zoological Society. 4 vols.
- Peters, W., 1877. Herpetologische Notizen. I. Über die von Spix in Brasilien gesammelten Eidechsen des Königlichen Naturalien-Kabinetts zu München. Monatsber. Akad. Wiss. Berlin 1877:407-414.
- Rodrigues, M.T., 1984. Uma nova espécie brasileira de *Tropidurus* com crista dorsal (Sauria, Iguanidae). Papéis Avulsos Zool., S. Paulo, 35(16):169-175.
- Schmidt, K.P. & R.F. Inger, 1951. Amphibians and Reptiles of the Hopkins-Brunner Expedition to Brazil. Fieldiana Zool. 31(42):439-465.
- Spix, J.B., 1825. Animalia nova sive Species novae lacertarum quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX jussu et auspicio Maximiliani Josephi I Bavariae Regis suscepto collegit et descripsit Dr. J.B. de Spix. Lipsiae: T.O. Weigel. 26 pp., 30 pls.
- Vanzolini, P.E., 1976. On the lizards of a cerrado-caatinga contact: evolutionary and zoogeographical implications (Sauria). Papéis Avulsos Zool., S. Paulo 29(16):111-119.
- Vanzolini, P.E., 1981. The scientific and political contexts of the Bavarian Expedition to Brazil. Introdução, pp. ix-xxix in K. Adler, ed., Herpetology of Brasil by J.B. von Spix and J.G. Wagler. (Reimpressão fac-similar).
- Vanzolini, P.E., A.M.M. Ramos-Costa & L.J. Vitt, 1980. Répteis das Caatingas. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências. vi + 161 p., pls.
- Vitt, L.J., 1981. Lizard reproduction: habitat specificity and constraints on relative clutch mass. Amer. Nat. 117(4):506-514.
- Vitt, L.J. & H.J. Price, 1982. Ecological and evolutionary determinants of relative clutch mass in lizards. Herpetologica 38(1):237-255.
- Wagler, J.G., 1830. Natürliches System der Amphibien, mit vorangehender Classification der Säugthiere und Vögel. München Stuttgart und Tübingen: J.G. Cotta. vi + 354 p., 9 pls.
- Wiegmann, A.F.A., 1834. Herpetologia Mexicana. Pars prima. Berlin: C.G. Luderitz. vi + 54 p., 10 pls.
- Williams, E.E. & W.P. Hall, 1976. Primitive karyotypes, p. 6-18 in D. Paull, E.E. Williams & W.P. Hall, Lizard karyotypes from the Galápagos Islands: chromosomes in phylogeny and evolution. Breviora Mus. Comp. Zool. 441:31 p.





